



A Caravana da Verdade: análise da interação entre Jornalismo Policial, prestação de serviços e entretenimento no programa Correio Verdade¹

Janaine S. Freires Aires²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre o jornalismo policial paraibano, adotando como objeto de análise o evento ‘Caravana da Verdade’ do programa Correio Verdade, do Sistema Correio de Comunicação. O evento é realizado, geralmente, em uma região carente do estado e se caracteriza como uma feira de serviços e entretenimento. Nossa observação se apoiará na Caravana do mês de junho, com o intuito de visualizar como se processa a interação entre a narrativa policial, o entretenimento e a prestação de serviços.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo policial; correio verdade; entretenimento.

Ao meio dia, basta uma breve passagem pelos canais abertos da televisão paraibana para perceber a predominância de conteúdo jornalístico-policial na tela. O presente estudo tem por objetivo analisar a dinâmica de produção destes programas, como o intuito de refletir sobre a sintomática realidade que faz com que programas com este perfil sejam aqueles de maior audiência e se configurem como as principais apostas das empresas de comunicação da Paraíba.

Com exceção da TV Cabo Branco, que adota o padrão globo de qualidade, por ser afiliada da Rede no estado, todos os outros sistemas de comunicação que operam canais abertos investem em programas de cunho policial, na faixa das 12h às 13h.. Na TV Tambaú, afiliada do SBT, o programa do horário é o “Caso de Policia”. Na “TV Arapuan”, ligada a RedeTV!, o programa se chama “Cidade em Ação”. Na TV Clube, Band, é o “Aqui na clube” o programa policial do horário.

Na TV Correio, afiliada a Rede Record, o programa do gênero é o Correio Verdade, apresentado por Samuka Duarte. Adotamos este programa como o nosso objeto de estudo por ser ele o de maior audiência e pela ostensiva campanha, intitulada Caravana da Verdade, desenvolvida em torno da figura do seu apresentador e repórteres. A Caravana é um evento promocional do programa Correio Verdade, que busca levar

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém graduada em Comunicação Social Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba e membro do Observatório da Mídia Paraibana. Email: janaineaires@gmail.com



serviços e entretenimento a comunidades carentes. Procuramos observar como se processa o entrelaçamento da narrativa policial com a dinâmica deste evento promocional, que se apoia no entretenimento e na prestação de serviços para conquistar sua audiência.

Acreditamos que é de grande importância acompanhar atentamente a dinâmica do jornalismo no estado, especialmente o jornalismo policial, traçando características e gerando apontamentos sobre o tema. É necessário estimular a consciência crítica diante do processo de entrelaçamento da narrativa jornalística com a face do entretenimento da comunicação de massas, levando em consideração que “a TV tem vocação para mobilizar seu público em causas que sejam de interesse dessas ou daquelas autoridades” (BUCCI & KEHL, 2004, p.120)

Acompanhamos a edição do mês de junho de 2011 da Caravana da Verdade, que foi realizada na cidade de Campina Grande, precisamente no dia 30, período de finalização dos festejos juninos. O programa foi transmitido do estúdio, localizado em João Pessoa, e também de um palco montado em uma determinada comunidade, que conta com a presença dos repórteres e do apresentador no local. Além de serviços como distribuição de mudas, emissão de documentos, verificação de pressão e assessoria jurídica, o programa também recebe uma atração musical.

O Programa

O programa *Correio Verdade* tem como cerne a abordagem dos acontecimentos policiais, ocupando o “horário nobre” da TV Correio. Atualmente, é apresentado por Samuka Duarte e tem em seu elenco repórteres exclusivos como Emerson Machado, apelidado de Mô-fi, Marcos Antônio, conhecido como Águia e Josenildo Gonçalves, o Cancão da Madrugada.

Em recente pesquisa do IBOPE, o programa *Correio Verdade*, exibido de Segunda a Sábado das 12h10 às 13h, atingiu a marca de 62% de audiência no horário. Em seu portal na internet, a produção do programa divulga a informação de que a audiência do *Correio Verdade* é formada por 38% de homens e 62% de mulheres. Entre as classes sociais, a que mais assiste ao programa é a classe C com 50,14%, seguido da classe AB com 26,24% e por último a classe DE com 24,0%. O programa já está no ar há uma década e já teve como apresentadores os comunicadores J. Júnior, que hoje é prefeito da cidade de Bayeux, Heron Cid, que é comentarista político da TV Correio e Ruy Dantas, que também é comentarista e apresentador da emissora.



Samuel de Paiva Henrique, o Samuka Duarte, nasceu em Santa Rita, cidade da grande João Pessoa, e tem 52 anos. Teve uma infância pobre e começou na comunicação como radialista, muito embora seja formado em Biologia e Matemática. Samuka já foi apresentador do programa Cidade em Ação, da TV Arapuan,. Na ocasião, Samuka era líder de audiência no horário e estava no comando do programa policial da emissora, onde já desenvolvia parceria com Emerson Machado, que era repórter do programa.

Em uma grande transação, Samuka e Emerson Machado foram contratados pelo Sistema Correio, para ocupar a apresentação do *Correio Verdade*, apresentado pela dupla Heron Cid e Ruy Dantas e que não ocupava bons lugares na audiência, e do rádio jornal *Correio da Manhã*, que tem conteúdo misto. Com estreia prevista e divulgada para o dia 3 de janeiro, Samuka e Emerson tiveram de assumir o programa assim que a transação foi publicizada, ainda no mês de dezembro de 2010. O apresentador é descrito da seguinte forma no Portal da TV Correio:

Samuka Duarte tem vasta experiência em rádio e Tv. Ousado e irreverente, Samuka Duarte é um dos mais populares apresentadores da TV paraibana. Em um programa com forte apelo social, Samuka defende a população, questiona desigualdades sociais e mostra a verdade. Programa campeão de audiência da TV Correio no horário de meio-dia a uma da tarde, o Correio Verdade tem, na figura de Samuka Duarte, um autêntico representante popular, diariamente, na TV Correio. (Portal Correio, 12 de junho de 2011)

Já o Programa Correio verdade é descrito como:

Buscar a verdade por trás da notícia e transmiti-la aos paraibanos. Este é o objetivo do Correio Verdade, programa campeão de audiência em seu horário. Apresentado por o polêmico e irreverente Samuka Duarte, mostra os fatos e cobra a responsabilidade daqueles que devem solucionar os problemas ou trazer as respostas para os questionamentos da população. (Portal Correio, 12 de junho de 2011)

Em ambas as descrições, percebe-se o forte apelo a perseguição da “verdade”, como cerne da atividade do programa. Prometer a verdade é uma das características do jornalismo que, enquanto prática discursiva, busca ser acessível, ou seja, ser passível de entendimento pela maior quantidade de pessoas. Nelson Traquina (2005) afirma que os jornalistas precisam comunicar através de fronteira de classe, étnicas, políticas e sociais existentes em uma sociedade e para tanto apoiam-se na defesa de suas funções como representações fiéis da realidade.



A caravana

“Multidão de pessoas que se reúnem para, com maior segurança, viajar por sítios desertos ou perigosos; grupo de excursionistas”. Esta é a definição do termo caravana pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Resgatando o sentido da palavra, a “*Caravana da Verdade*” apresenta-se como uma missão jornalística, no qual “um grupo de excursionistas” ou uma “multidão de pessoas se reúnem para algo”.

Sem dúvidas, o evento tem uma função estratégica para o Programa *Correio Verdade*, na qual a utilização do termo “verdade” não tem papel meramente alegórico. Nomear a atividade com esta expressão revela a mesma preocupação do jornalismo em definir-se como o espelho da verdade, destacada no nome do programa. É possível observar na associação “caravana” + “verdade” o movimento de levar a verdade a algum lugar ou mesmo de reunir-se em torno dela. O mesmo pode ser observado no nome do programa, que pretende ser o *Correio da Verdade*. Além disso, cabe o parêntese: “caravana da verdade” também foi o nome escolhido para as carreatas e comícios do atual governador da Paraíba, Ricardo Coutinho (PSB), enquanto candidato nas eleições de 2010.

O evento acontece, de modo geral, mensalmente. As três últimas edições aconteceram, respectivamente, nos dias 31 de março de 2011, no mercado público de Mangabeira; 28 de abril, nas Cinco Bocas em Mandacaru; e 26 de maio, no Geisel. Todos bairros periféricos da cidade de João Pessoa. Vários veículos do Sistema Correio são envolvidos na campanha. O que explica, por exemplo, as matérias veiculadas no Portal de Notícias, da Correio, reportagens veiculadas nos demais programas do canal.

A caravana que acompanhamos foi a primeira realizada fora da região metropolitana da capital. Estávamos no período de comemorações dos festejos juninos, sendo Campina Grande o principal destaque turístico do estado nesta época. O bairro escolhido foi o Zé Pinheiro, que segue o mesmo perfil dos outros bairros visitados pela caravana. Está localizado na Zona Leste da cidade, sendo considerado seu 4º maior bairro. O Zepa, como é conhecido, foi retirado da lista de bairros periféricos quando teve sua principal favela, a favela da Cachoeira, demolida em 2006.

A “caravana” observada estava instalada no encontro de duas ruas imprensadas por um córrego, em uma das entradas do bairro, que está repleto de referências comerciais. E se resumia a um palco e quatro tendas, nas quais se ofereciam serviços diversos.



É necessário destacar que o Sistema Correio de Comunicação já desenvolveu este mesmo tipo de campanha, anteriormente. Naquela ocasião, o programa era apresentado por Jota Júnior, que mais tarde se candidataria a prefeitura da sua cidade natal, Bayeux, localizada na região metropolitana de João Pessoa, pelo PMDB.

Samuka Duarte, hoje, é cotado à prefeitura da cidade de Santa Rita e divulgou filiação ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), recentemente. Muito embora, ainda negue o desejo de ser candidato na cidade. De fato, não há provas concretas de que a caravana seja um modelo adotado pelo Sistema de Comunicação para lançar a candidatura destes comunicadores à vida política. Contudo, é interessante observar que o fato se repetiu. Este é um exemplo interessante para visualizarmos o deslocamento que Maria Rita Kehl aponta no contexto da atuação política e da cidadania.

A arena da visibilidade política desloca-se do foro onde os homens negociam e as decisões são tomadas, para o das imagens que parecem mais adequadas ao espetáculo dos telejornais. Essa mesma operação de deslocamento do espaço onde se exerce o poder funciona de modo a apagar suas linhas de força. (BUCCI & KEHL, 2004, p.143)

Ao mesmo tempo, a Caravana da Verdade pode nos ajudar a refletir sobre o sentido da solidariedade e da mobilização propostos em sua estrutura, que além de atuar como um termômetro e um impulsionador da audiência do programa, é também um instrumento de formação e didática construído em torno dos interesses da emissora. Cabe destacar que não acreditamos que estes interesses estejam de fato voltados somente na busca da verdade jornalística como o título do evento indica, mas que estão assentados também nos interesses do Sistema Correio enquanto empresa e ator político.

Espremida no tempo de um programa de televisão, a cidadania publicizada naquela ação colabora com o cultivo dos mecanismos da exclusão social, ao passo que pressupõe uma mobilização da sociedade pelas margens. Expondo alegorias do que seria a promoção da saúde (como se ela se resumisse a aferição de pressão, por exemplo) e de direitos entre os blocos de um programa de TV. Sem dúvidas, as bases deste discurso não são construídas apenas pelos sistemas de comunicação, mas estão conectados com o modelo de organização do sistema econômico vigente e se expressam na educação, na religião, na política, por exemplo. No contexto de um programa policial, o projeto de cidadania se evidencia na defesa diária de que a paz social pode ser construída apenas através da investigação criminal.

A prestação de serviços adquire os contornos do tempo da televisão. A concentração da comunidade em torno da *Caravana da Verdade* não ultrapassa duas



horas. O que demonstra que o projeto de levar cidadania às comunidades está diretamente relacionado ao tempo da televisão, é parte do espetáculo televisivo. O que nos faz refletir, inclusive, sobre o seu real papel social atualmente.

Rotina produtiva do programa

O *Correio Verdade* vai ao ar diariamente das 12h10 às 13h. Antes dele, são exibidos os programas: *Mulher Demais*, voltado para o público feminino, e o *Correio Esportes*. Na sequência, é exibido o programa *Correio Debate*, com abordagem dos acontecimentos políticos do estado.

O programa adquire uma estrutura especial na ocasião em que as caravanas estão sendo realizadas. Na caravana da verdade, são realizados links ao vivo com repórteres espalhados pelos stands instalados e conexões com a apresentação do programa feita no estúdio. Contudo, na localidade as matérias do programa não são exibidas. O público que participa da caravana assiste a um espetáculo, que não é o mesmo do que é exibido pelas ondas de televisão.

Nos estúdios, o programa adquire contornos mais acelerados do que o normal. As matérias e os comerciais são exibidos em blocos menores, para que sobre espaço para os links ao vivo do evento que está acontecendo na comunidade. No dia 30 de junho, por exemplo, foram exibidas as seguintes matérias: Ex-presidiário é assassinado em Santa Rita; Polícia realiza operação no Bairro São José; Homem tenta incendiar casa no Padre Zé; Bandidos assaltam casa de idosa em Campina Grande; Jovem é baleado em Mangabeira. Os comentários do apresentador eram bastante acelerados e entrecortados pelas propagandas.

A opção por manter a apresentação do programa nos estúdios pode evidenciar uma preocupação em preservar certa distância entre a campanha e a atividade jornalística de informar. Contudo, quando o programa é editado e vai ao ar, essas fronteiras entre as duas atividades se dissipam e a atividade jornalística se aproxima da campanha de serviços desenvolvida.

Algo bastante presente na Caravana da Verdade do mês de junho foram as declarações de amor e carinho dos repórteres à cidade. Estas declarações apontam para a construção de outro perfil de relacionamento entre o jornalista e o seu público, fundamentada não na assepsia comum de um terno e um microfone, mas na proximidade, no carinho de um abraço e mesmo na atenção de um autógrafo. O repórter



Marcos Antônio foi apresentado ao público e fez uma declaração interessante a respeito da atividade do jornalista dentro deste contexto.

O melhor pagamento do jornalista é este calor humano, onde a gente abraça, beija, tira foto, dá autógrafos. Para mim, é muito gratificante. Quero deixar bem claro, sou campinense, estou morando em João Pessoa há vários anos. E para mim é um prazer imenso estar de volta a minha terra natal. Portanto, não deu Àguia, deu campina grande. (Marcos Antônio, Caravana da Verdade, 30 de junho de 2011)

Marcos Antônio sempre termina suas matérias com a expressão “Deu águia!”, como alusão à prisão de alguma pessoa pela polícia. Sem dúvidas, diante do público, é natural que o repórter apresente sua alegria em ser recebido daquela maneira. Porém, é necessário destacar o papel da caravana na construção da popularidade da equipe do Correio Verdade.

O contato do repórter com o público ultrapassa a distância da “busca pela imparcialidade”. Em suas reportagens, Marcos Antônio é caracterizado pela sua versatilidade e dinamismo, o que colabora com a solidificação deste perfil paralelo. Diariamente, o repórter Águia retrata uma pluralidade de situações na qual aplica a expressão “Deu Àguia”. Permanece-se a insistir na consolidação da imagem de um profissional comprometido com a “verdade”, mas querido pelo público.

O repórter “Águia” foi uma das estrelas de um bloco de carnaval também promovido pelo Sistema Correio de Comunicação. O bloco carnavalesco “Deu Àguia” desfilou na quarta-feira de fogo ao lado do principal bloco da cidade de João Pessoa, as Muriçocas do Miramar. O apresentador do programa e os repórteres foram as principais estrelas do trio. Como atração musical, foi convidada a banda Xêta Elétrico. Para participar do bloco, era necessário adquirir uma camisa a venda por 12 reais, em stands instalados na sede do Sistema Correio. Além de representar uma ruptura com o contexto do carnaval de João Pessoa, no qual os foliões desfilam gratuitamente, o Bloco “Deu Àguia” é uma evidência da aproximação da narrativa policial com a construção de uma máquina “cultural” ao seu serviço. Reservadas as devidas proporções e diferenças, a Caravana da Verdade pode ser inserida nesta mesma articulação.

Percebemos, portanto, o adentramento da narrativa policial em outro contexto, o cenário cultural. É interessante observar que diversos instrumentos têm sido utilizados para compor este arranjo, entre eles está a notícia.



A notícia como mercadoria é interessante do ponto de vista econômico. Do mesmo modo como outros bens de consumo de massa ela é produzida e distribuída através de redes de homens e máquinas, mas diferentemente da maioria deles, cada artigo é um esforço intelectual artesanal que a converte num curioso produto de julgamento pessoal, técnica e burocracia. Mas o significado fundamental do sistema de notícias não é econômico, técnico ou organizacional. É social. A notícia é o sistema nervoso periférico do organismo político, que permite perceber todo o meio ambiente e escolher as imagens e sons transmitidos ao público. Mais que qualquer outro mecanismo, decide ele quais dos incontáveis fatos da vida do mundo devem ser conhecidos pela generalidade dos homens. Assim fazendo, ele altera o modo como os homens percebem o mundo e a si mesmos. (BAGDIKIAN apud AZEVEDO, 2011, p.27)

O campo jornalístico, além das suas relações de trabalho e poder, tem como fio condutor a produção de notícias. A notícia jornalística é fruto da interação entre forças pessoais, sociais, (organizacionais e extra-organizacionais), ideológicas, culturais, históricas. Além disto, está diretamente relacionada ao meio físico e aos dispositivos tecnológicos que intervêm na sua produção. Levando em consideração esta concepção, percebemos que no caso da Caravana da Verdade o jornalismo não só produz a notícia, mas arquiteta os instrumentos para também ser a notícia.

Assentados nos princípios do compromisso com a verdade e da imparcialidade, o programa cria um perfil paralelo para sua equipe. Transforma-as em celebridades, em mitos. Além do repórter Marcos Antonio, também foram chamados para se apresentar ao público os repórteres Emerson Machado e Josenildo Gonçalves. Ambos destacaram seus laços com a cidade. O primeiro enfatizou o hospital onde nasceu e o segundo resgatou a sua passagem pela cidade no passado.

Emerson Machado é o principal repórter do programa. Pela manhã, divide a apresentação do rádio jornal Correio da Manhã com Samuka. Ao seu lado, Emerson construiu a sua vida pública e conquistou bastante destaque ao ter difundida uma música construída em sua homenagem.

O repórter costuma se referir aos seus entrevistados como “mô-fi”, seu “método” é considerar seus entrevistados como “seus filhos” e tentar convencê-los a não praticar delitos. A “dança do mofi” é veiculada diariamente na tevê e no rádio. Gravada pelo Dj Marcílio, a música retrata o encontro do repórter com um preso que se contradiz ao explicar a razão da sua prisão.

Mofi mofi mofi / é a dança do mofi do mofi do mofi / Mofi tá preso!? Tô sim! /Tá por que?! /Porque matei!/ Matou o quê!?



/Porque roubei! /Roubou o quê!? /Nada não. (DJ Marcilio, Dança do Mofi)

Samuka Duarte dá diversos apelidos a Emerson Machado, na Caravana que acompanhamos, o apresentador se referiu ao repórter como "Boca de rapar coco", algo comum na dinâmica irreverente com que repórter e seu âncora costumam interagir. Para saudar o público, Emerson pediu para que cantassem a Dança do Mofi ao vivo. Foi neste momento que grande parte do público passou a dançar a dança do mofi, onde se requebra para os dois lados com as duas mãos juntas, como se estivesse algemado. Emerson solicitou ainda que a plateia aplaudisse o proprietário do Sistema Correio, o ex-senador Roberto Cavalcanti.

Enquanto isso, a repórter Daniele Pimentel estava responsável pelos links no espaço da Caravana do dia 30 de junho. Em um deles, a repórter apresentou ao público um morador da localidade que foi beneficiado pelo Programa Tarifa Social, através do stand da Energisa, companhia de energia do estado. Evidenciou-se o fato de que além de ser beneficiando com o programa, o senhor levava para casa gratuitamente quatro lâmpadas de economia de energia. Esta observação demonstra o que falamos anteriormente, a televisão enquanto mobilizadora da sociedade.

Aproximar-se para romper o silêncio

De modo geral, os jornalistas e os policiais costumam lidar com o silêncio da comunidade quando acontecem casos de assassinato de pessoas em situações em que represente algum conflito entre os membros daquela região. Além de também ser resposta da comunidade à mídia, que costumeiramente veicula um retrato sanguinolento da periferia, o silêncio dos moradores já evidencia o distanciamento que eles querem ter daquela realidade.

A Caravana, em grande medida, é uma ferramenta para romper ou mesmo interromper o retrato sanguinolento da periferia e construir outro perfil das comunidades por onde passa. É necessário destacar que a construção deste perfil permanece assentada no que Muniz Sodré classifica como o monopólio da fala (2010), próprio do sistema televisivo. “Este sistema produz uma realidade particular, que tende a recobrir todo o espaço social, de maneira análoga a realidade físico-geográfica do território” (SODRÉ, 2010, p.33)

Okay, a animação é grande aqui nas Cinco Bocas, em Mandacaru.
Minha querida Paraíba, Minha querida João Pessoa. Táí o carinho

das pessoas pelo programa Correio verdade, nossa credibilidade é grande. Eu sempre digo no programa: Mandacaru e a Cinco bocas não são bairros violentos. São bairros bons de morar. Por isso, estou aqui. O povo diz: - Samuka, tu é doido, tu vai para lá? Eu digo: - Eu vou, estou aqui com o maior prazer do mundo! Aqui, é um bairro bom. Aqui mora médico, aqui mora enfermeiro, aqui mora advogado, aqui mora jogador, aqui mora empresário, aqui mora estudante, aqui mora gente trabalhadora, gente trabalhadora, gente de bem. A prova tá: ninguém dá um cascudo em ninguém. Tá todo mundo quietinho. A paraíba inteira está vendo. Mandacaru é um bairro bom de morar. Aquela imagem não existe. A violência está em todo canto. (Samuka Duarte, Caravana da Verdade, Mandacaru)

A fala de Samuka revela a disposição em romper, mesmo que temporariamente, com esta perspectiva de aproximação com a periferia. Contudo, é necessário observar a aparência de construção de uma identidade, que se contradiz com o que diariamente é apresentado no programa. Basta uma breve observação nas páginas e nos programas policiais para perceber que sua velocidade e suas estruturas de autoridade não se adaptam a casos que demandem maior aprofundamento e refletem uma dinâmica de trabalho ultrapassada. É necessário investir na construção de um novo modelo de comunicação capaz de introduzir uma abordagem multidisciplinar e multidimensional no jornalismo policial.

Defender o Bairro, como um lugar bom para se morar, uma vez que “aqui se mora médico, aqui mora enfermeiro, aqui mora advogado, aqui mora jogador, aqui mora empresário, aqui mora estudante, aqui mora gente trabalhadora, gente de bem” é atuar como instrumento na construção do que Rizzini, como Coimbra aponta (1997), descreve como os pobres viciosos e os pobres dignos. Os primeiros não têm trabalho, os segundos têm.

É permanecer aplicando a mesma fórmula que, ao longo dos tempos, diversas teorias embasaram concepções sobre as classes menos favorecidas e legitimaram políticas públicas e subjetividades necessárias para controlá-las. Como exemplo, podemos apontar a participação da "craniometria" na definição da inteligência como uma coisa única, inata, hereditária e mensurável e mesmo para identificar "os perigosos sociais" através de características anatômicas. As teorias eugênicas, o darwinismo social, o movimento higienista legitimaram missões de "saneamento moral" da sociedade brasileira, tornando engajada a sociedade científica do país na limpeza e correção dos espaços da cidade que pudessem abrigar estas classes.



A mídia atua como um dispositivo social na construção de falas autorizadas. O campo jornalístico e, podemos dizer também, o campo midiático exercem uma forma de dominação bastante particular, uma vez que são estes campos que permitem a expressão pública dos demais. Pierre Bourdieu (1997) destaca que os jornalistas atuam de acordo com categorias que lhe são próprias. Como metáfora didática para exemplificar o emprego destas categorias, o sociólogo francês se utiliza das estruturas invisíveis encarregadas de organizar uma realidade particular. Em suma, ele afirma que os jornalistas têm óculos “a partir dos quais vêem as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25)

O bairro de Mandacaru tem “grande espaço” na abordagem do jornalismo policial paraibano graças ao alto índice de violência. Em uma breve pesquisa na internet é possível encontrar uma definição sucinta da comunidade, na qual reside um grande perigo: “Mandacaru é um bairro da zona norte da cidade de João Pessoa, Paraíba. Nele se localiza o famoso Alto do Céu, considerada a mais violenta comunidade pessoense.”

É preciso assinalar os riscos que tal enfoque sugere, já que pode apontar para a necessidade constante de vigilância e repressão contra os que ali vivem. Isto é possível a partir do momento em que a identidade daquela comunidade é afastada do processo histórico que o criou e logo “[...] através de um pequeno truque lógico, então, reproduz-se a ideologia da classe dominante e se fornecem novos elementos para justificar a opressão social.” (COIMBRA apud CHALLOUB, 1986) Muito embora, a atitude de Samuka e a disposição da Caravana da Verdade em propor uma nova maneira de se aproximar das comunidades deva ser aplaudida, é preciso observar com criticidade este processo e perceber as diversas vertentes na qual esta aproximação está articulada.

Neste São João, foi criado um CD promocional no qual se divulgam canções típicas do período e versões parodiadas destas músicas.

Mofi mofi mofi / O que aconteceu!? / Os homens lhe prenderam /
Por favor conte para eu / Não tenha medo / Você está na delegacia
e vai passar na televisão. (Refrão do Xote do Mofi, Dj Marcílio)

Esta seleção é manifestada a partir do olhar dos jornalistas, legitimada por um corpo de falas autorizadas também selecionadas por estes jornalistas, através destes mesmos óculos.

Hoje, em nosso mundo mediático, as falas “competentes” são cada vez mais autorizadas pelos meios de comunicação de massa que elegem interlocutores privilegiados, com os quais mantêm relações de afinidade e interesse. É preciso estar sempre dentro do



chamado “processo de visibilidade” para poder vender sua imagem, suas falas, suas fórmulas, indicando caminhos e soluções [...]. (COIMBRA, 2001, p. 47)

Produto da interação entre vetores sociais com características ideológicas, culturais e históricas, a notícia recebe tratamento diferenciado em cada meio, uma vez que necessita atender a formatações diferentes. Em cada círculo, a notícia precisa se adequar aos objetivos do veículo e ao modo como está sendo recebida.

Considerações Finais

Entendemos os meios de comunicação e suas relações como metáforas da nossa sociedade (CASTELLS, 1999) e das relações que nela se estabelecem, por isso é necessário aprimorar ainda mais esta pesquisa e aprofundar a reflexão sobre o tema para perceber as relações de poder que estão por trás de tudo isto.

O jornalismo tem a particularidade de reverberar em várias esferas de recepção (no campo acadêmico, os leitores habituais, os estudos de matérias jornalísticas em sala de aula, o uso do material jornalístico como agenda para outros dispositivos discursivos como blogs, chats, fóruns); de produção (interfaces como agência de publicidade, assessorias de comunicação, empresas); e de discursos. (FERREIRA, 2002)

Além de estabelecer relações de dependência com outras esferas, o Jornalismo precisa receber o respaldo do público para continuar atuando. Percebemos que a Caravana da Verdade é um instrumento para solidificar este respaldo e ampliar a popularidade dos seus apresentadores e da sua produção.

Como apontamos a construção desta popularidade, contudo, tem ganhado contornos políticos. O que pode ser evidenciado pela “reedição” deste projeto. Destacando que em um primeiro momento ele culminou na eleição do apresentador, no caso Jota Júnior, à prefeito da cidade de Bayeux. E que já estamos em um novo contexto eleitoral, no qual se articulam as eleições de 2012.

Neste contexto, além da atividade jornalística na construção desta popularidade, atuam também instrumentos culturais como músicas amplamente difundidas nos veículos de comunicação do sistema e vendidas pelos camelôs a preços populares.



Referências Bibliográficas

AZEVÊDO, Sandra R. dos S. **Mulheres em Pauta**: gênero e violência na agenda midiática. Editora UFPB, João Pessoa, 2011

BOURDIEU, P. **Sobre Televisão**. Tradução: Maria Lucia Machado – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

BUCCI, E. & KEHL, M. **Videologias**: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A cultura da virtualidade real**: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. In: A sociedade em rede.. São Paulo. Paz e Terra, 1999. Páginas 413 a 466.

COIMBRA, Cecília. **Operação Rio**: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Niterói, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, Intertexto, 2001.

FERREIRA, J. **Dispositivos discursivos e o campo jornalístico**. Ciberlegenda, Rio de Janeiro, v. 9, 2002.

SODRÉ, M. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 8ed. 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias jornalismo** – Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005

<http://www.portalcorreio.com.br/correioverdade/>